

PROPOSTA PARA A LONGEVIDADE DE GRUPOS E MUSEUS – IDOSOS COMO PÚBLICO

Apresentação Oral

Perceber como a museografia aborda o público idoso, explorando a função social da museologia por meio da comunicação e salvaguarda, em resultado da expansão de públicos e das políticas de inclusão sociocultural, seguindo assim diretrizes estabelecidas pelas políticas públicas e regulamentação museológica. A pesquisa exploratória e metodológica percebe o relacionamento recente entre idosos e museus pelo recorte da diversidade, multiplicidade de vozes, com foco no estabelecimento de laços e coesão ultrapassando a posição de exclusão com foco na construção ou manutenção da cidadania, com preocupações de acesso cultural e, que possibilite estes cidadãos terem um espaço de reflexão e debate histórico, social, cultural e tecnológico-científico.

A diretriz da Unesco (2015) salienta aprendizagens contínuas ao longo da vida pelo posicionamento comunicacional e educacional dos museus, apontando a cooperação dos atores sociais na preservação do patrimônio tangível e intangível, parece convergente com o Estatuto do Idoso que regulamenta desde 2003 no art. 10., a necessidade de garantir a participação no processo de produção, reelaboração e fruição de bens culturais, valorizar o registro da memória, transmissão intergeracional e que seja estimulada a participação dos idosos na comunidade (BRASIL, 2003).

O estabelecimento das relações entre museus e idosos na sua diversidade, espelha-se numa dinâmica que pode expressar-se como trunfo ou freio na elaboração das proposições museográficas, por meio da pesquisa de recepção como metodologia é possível compreender o alcance das relações museográficas com o potencial público idoso e parceiros.

A diversidade cultural que o grupo acima de 60 anos representa, precisa ser desmistificada na museologia explorando-se o potencial de relacionamento com público. O envelhecimento e a musealização serão bem-sucedidos se ocorrerem relações por meio de abordagens socioculturais visando a interação da sociedade, território e patrimônio que promovam aprendizagens ao longo da vida e diálogo intercultural, mas contemplando vivências, interesses, motivações e necessidades dos indivíduos focando a longevidade dos cidadãos.

Percepciona-se que normas de inclusão de públicos diversos nos museus e a participação social dos idosos, podem criar inovação e mudança para ambos, assim recorrendo-se à análise de recepção das inovações normativas, como fenômeno em processo, para compreender o momento em que nos posicionamos, percebe-se a forte influência de tratados universais, como a diretriz “Recomendações Unesco 2015 para a Proteção e Promoção do Patrimônio Museológico e Coleções”, traduzindo-se em normas ou leis nacionais, e por conseguinte, são chamadas a transformar-se em práticas locais (CASTRO, 2012). Transpondo para a museologia e políticas sociais o raciocínio admite-se que as normas que também defendem o relacionamento dos idosos como público diverso participante nos museus, se estabelecem na fase de aceitação entre a *institucionalização* e a *generalização* percebe-se que existem instituições governamentais que começam a vincular-se aos discursos acadêmicos, alguns já geradores de normatizações, observando-se que começam a surgir preocupações de incentivos das instituições para a criação de abordagens através de mais aplicações museográficas e

experimentações com os cidadãos com mais de 60 anos, visando um impacto positivo na vida de indivíduos e museus (ARAUJO, 2016).

A interdisciplinaridade e o multimétodo permitiram perceber o diálogo entre museologia e gerontologia, defendendo-se que aprendizagens de diferentes modos de ver, pensar e agir são estratégias de adaptação e sucesso no envelhecimento. Os museus podem ser lugares gerontopedagógicos (ROBERTSON, 2015), de aprendizagens contínuas incluídos nas pesquisas de gerontologia educacional (NERI, 2005; CACHIONI & NERI, 2008, DOMINGUES et Al., 2012).

Todos nós, independentemente dos debates identitários e de representações, envelhecemos num processo contínuo, em constante construção e adaptação a contextos históricos, sociais e culturais (tecnológicos), e não só a partir dos 60 anos cronológicos, mas ao longo de toda a vida, porém quando se atinge a velhice, categorização socialmente produzida (DEBERT, 1998) entra-se num grupo caracterizado por um crescimento demográfico em que a longevidade vai originar um aumento daqueles que terão mais de 80 anos, e em que duas gerações de idosos podem coexistir.

Refletindo as demandas do público e dos museus perante as mudanças sociodemográficas e as demandas de melhorar a qualidade de vida das comunidades, dos locais já pensando a economia criativa, a pesquisa estabelece uma proposição conceitual que justifica investimentos na salvaguarda e comunicação através do retorno social e cultural. Por isso, destaca-se a necessidade de conhecimento a três níveis de articulação para que a museografia considere este relacionamento na prática: a necessidade de se conhecer os idosos como público de museus (visitantes e não visitantes); explorar o contexto local das instituições museológicas e de possíveis parcerias; e apontar diversas escolhas museográficas possíveis, tanto na comunicação como na salvaguarda, explorando mudanças atitudinais, destacando a utilidade e necessidade de recursos para trabalhar a herança patrimonial dos indivíduos e dos museus.

A prática aproxima-se da teoria, por meio do relacionamento participativo de públicos idosos nos museus pela função social que pode desempenhar, este é um posicionamento de inovação social da museologia, na procura de melhores respostas dos vários indivíduos em interação no museu, instituições que independentemente da sua tipologia, tutela, ou temática são museus em transição que permitem ressignificações (CURY, 2014), abertos a experimentações.

Percebe-se que o público de idosos não é priorizado comparado com outras tipologias de público, como o escolar, e que as abordagens comunicacionais específicas e intencionais são poucas no contexto brasileiro, salvo exceções dos setores de educação. A relação museográfica representa múltiplas possibilidades de modo complementar no trabalho comunicacional com o patrimônio imaterial e material, os testemunhos de idosos podem fornecer, por meio de metodologias próximas à história oral e etnografia entre outras, informações para a documentação e pesquisa.

Procurou-se que mais valias o idoso pode ter neste envolvimento com os museus, dentro do processo de envelhecimento heterogêneo e dinâmico, mas também, o que o museu pode beneficiar numa relação em que os indivíduos trabalham a memória de forma única, através da sua história de vida, experiência e vivência atual, porém a implementação das diretrizes de relacionamento dependem de resistências diversas, distribuição de recursos e da compreensão ao nível do senso comum da sua utilidade para idosos e museus.

Palavras-chave: Museus, Idosos, Aprendizagem Contínua, Envelhecimento, Políticas públicas

Referências:

ARAÚJO, O. Susana Costa e C., **Os idosos como público de museus**, Dissertação (Mestrado) Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, 2016.

BRASIL, Senado Federal. **Estatuto do Idoso**. Lei nº10.741. de 1º de outubro de 2003. Paulo Paim (Org.), Brasília: Subsecretaria de edições técnicas, 2003

CASTRO, Paula. Legal Innovation for Social Change: Exploring Change and Resistance to Different Types of Sustainability Laws. **Political Psychology**, Vol. 33, No. 1, 2012. [online] Disponível em: <doi: 10.1111/j.1467-9221.2011.00863.x> Acesso em: 13 mai 2015.

_____. Paula, BATEL, Susana. Social representation, change and resistance: On the difficulties of generalizing new norms. **Culture & Psychology**, 14, 477–499.2008 [online] Disponível em: <doi: 10.1177/1354067x08096512> Acesso em: 13 mai 2015.

CURY, Marília Xavier. Museologia e conhecimento, conhecimento museológico- uma perspectiva dentre muitas. **Museologia & Interdisciplinaridade** Vol.III, nº5, maio/junho de 2014 Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/263247901_Museologia_e_conhecimento_conhecimento_museolgico__Uma_perspectiva_dentre_muitas>. Acesso em 23 jul.2015

DEBERT, Guita G. . Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice, **Antropologia e Velhice**. Textos Didáticos, nº19 IFCH Unicamp, Campinas: 1998. Disponível em: <www.mirelberger.com.br/> Acesso em: 11 mar. 2013.

DOMINGUES, M.A.; OEDONEZ, T.N.; TORRES, M.J.; BARROS, T.C.de; LIMA-SILVA,T.B.; BATISTONI, S.S.T.; MELO, R.C.de; LOPES,A.; YASSUDA, M.S. e CACHIONI, M.. Rede de Suporte Social de Idosos do Programa Universidade Terceira Idade da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, 15, 33-51. [online], São Paulo: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, 2012.

NERI, Anita Liberalesso, **Palavras-chave em gerontologia** (2ªEdição). Campinas/SP: Editora Alínea, 2005.

ROBERTSON, Hamish L., (Org.) **The Caring Museum: New models of engagement with ageing**. Cambridge: Museum Etc, 2015.

UNESCO, **Recommendation Concerning the Protection and Promotion of museums and collections, their Diversity and their Role in Society** – Paris, 17 novembro 2015,

Disponível em: < http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=49357&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html> Acesso em: 28 set. 2016.